



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/estar-a-espreita/>

Estar à espreita, ensaiar: pesquisar em educação e artes, marcas em coexistência

Marcela Bautista Nuñez [1]

RESUMO: Esta escrita se coloca à disposição de uma linha de pensamento que foi se produzindo mediante uma aula, permeada por leituras das filosofias da diferença. Diversos temas e conceitos como singularidade, ensaio, coexistência, pesquisa e arte foram se entrecruzando e formando um tear artesanal ensaístico. De maneira a evocar potencialidades e vivências oriundas dos estados inéditos nos quais podemos nos encontrar em meio à pandemia e à reclusão. Intentos de captura de potências e modos de criação que acionam as mais variadas vontades e desejos ao pensarmos os caminhos e as marcas aferradas em nossa existência, assim como na pesquisa em educação. Onde nos tornamos catadores das mais variadas coisas, escritas, imagens, cheiros, conversas. Um caminho realizado pelo meio, onde início e final coexistem.

PALAVRAS-CHAVE: Ensaio. Pesquisa. Marcas. Coexistência.

Be on the prowl, rehearse: researching in arts and education, memories in coexistence

ABSTRACT: This writing is placed at the disposal of a line of thought that was produced through a class, permeated by readings of the philosophies of difference. Where various themes and concepts such as singularity, essay, coexistence, research, art, have been intertwined and forming a handmade essay loom. In order to evoke potentialities and experiences coming from the unprecedented states of which we can find ourselves in the midst of the pandemic and the seclusion. Intentions of capturing powers and modes of creation that trigger the most varied wills and desires when we think of the paths and the marks held in our existence, as well as in educational research. Where we become collectors of the most varied things, writings, images, smells, conversations. A path taken through the middle, where the beginning and the end coexist.

KEYWORDS: Researching. Rehearse. Memories. Coexistence.



Este ensaio, espreitensaio [2], é fruto de leituras, marcas, e pensamentos permeados pelas múltiplas intensidades e linhas oriundas do pesquisar em educação e artes. Um pesquisar permeado por imagens, sons, cheiros e escritas solitárias inundadas de vozes de outros e outras que me habitam, e contagiam concomitantemente. Ao referir-me a marcas, faço menção a tudo aquilo que durante minha trajetória investigativa e de vida me proporcionou e proporciona um pensar [3], um afeto que toca e aciona pensamentos. Encontros com signos que produzem potências [4] em nós.

Deixei-me habitar pelas inúmeras forças e intensidades que me atravessam durante uma aula. Online, remota, distante, conectada, envolta de saudade... Precisei reinventar-me frente a este cenário, onde se vê as paredes de casa muito mais do que antes, paredes que se tornam também local de labor, paredes que não somente acolhem e aconchegam durante o descanso de um dia longo vivido “lá fora”. Paredes que hoje nos separam de nós mesmos, em um caso singular de saúde pública, questão de vida ou morte.

Como ficar à espreita em meio ao caos? Como produzir e vivenciar potências no isolamento? Quem sabe algum ânimo... Quem sabe um profundo respirar, para não sufocar. Pensamentos que não pedem licença e me invadem a todo momento.

Na última semana de aula me foi solicitada a realização de um espreitensaio. Foi a oportunidade necessária, um respiro para materializar algumas ideias e pensamentos por meio da escrita, assim como na criação/produção de imagens com o intuito de forçarem o pensamento, criando caminhos além dos já assinalados pelas palavras, caminhos que nascem pelo “meio” (Preciosa, 2010). Uma busca incessante de agarrar provisoriamente alguns dos movimentos que me capturaram em meio a escritas, informações, imagens, e que me escapam com sua força mobilizadora e arrebatadora. Onde marcas são deixadas umas por cima de outras, marcas pequenas, grandes, rachaduras, infiltrações, sulcos e porosidades que me habitam e coexistem. Sobrejustapostas (Mossi, 2017) sem uma ordem *a priori*. Desse modo, tornando possível a



coexistência de tempos e atualizações de memórias. Estando à espreita do que pode acontecer na produção deste tear artesanal descontínuo.

Espreitensaio como exercício de estar à espreita - “tal como um animal que está sempre à espreita do que se passa ao seu redor” (Deleuze, 1988,1989) e ensaiar uma escrita como lugar de experiência, “como caminho da exploração do caminho, que se abre ao mesmo tempo que se caminha [...] o ensaísta inicia pelo meio e termina pelo meio” (Larrosa, 2016, p. 27). Uma abertura ao que nos afeta e mobiliza a pensar. Um movimento em meio às paredes invisíveis que nos paralisam e nos impulsionam a continuar em busca de outros modos de criar.

Neste espreitensaio, a escrita acontece junto à companhia de autores como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Suely Rolnik, Rosane Preciosa e Jorge Larrosa. Se produz em meio às relações com imagens, fragmentos de escritas realizados em aula, leituras e problemas. Permeado por elementos fecundos das composições individuais e coletivas e, por conseguinte, afluentes da evolução dos sujeitos.

Vale ressaltar alguns pontos: 1) ao me referir à evolução dos sujeitos, considero toda a sinonímia/semântica que a palavra evolução abrange, não podendo ser percebida como aprimoramento – que levaria de algo em situação inferior para algo numa situação melhor. 2) Também gostaria de situar como compreendo o contexto atual, uma vez que este apresenta enormes desafios e mudanças frente às situações mais cotidianas, e de fato, por sua singularidade não pode ser recebido como algo dado, *a priori*, mas sim por seu fator de transitoriedade e intensidade, que diz respeito a um modo de vida a ser inventado constantemente. 3) No entanto, explicar que, assim como é entendida, tal transitoriedade não se limita a uma situação passageira, não aludindo à noção de transitoriedade para algo que passará - refere-se aos modos de vida que foram e são alterados, entre eles os modos de aprender e ensinar que já não podem voltar incólumes ao que eram.



Imagem: Claviculario, 2020. Fonte: Marcela Bautista Nuñez.

Nos movimentos revezados e inseparáveis que envolvem estar pesquisador/a, professor/a, assim como o de atualmente estar em uma pandemia mundial, entre outras situações que envolvem o acontecimento de estarmos vivos, ao tempo em que “os que lá estão, nos esperam” [5], “geram em nós estados inéditos, inteiramente estranhos em relação a aquilo que é feita nossa consistência subjetiva de nossa atual figura” (Rolnik, 1997, p. 02). Desse modo vivendo sob contornos instáveis e à espreita do que nos acontece, nos tornamos receptivos às intensidades que por vezes nos arrebatam, que nos empurram a lugares desconhecidos, onde experimentamos outras paisagens de nós mesmos.

(-Há vida antes da morte?)

De acordo com Suely Rolnik, por ainda estarmos um tanto distraídos “[...] o que vislumbramos da subjetividade é o perfil de um modo de ser – de pensar, de agir, de sonhar, de amar etc. –que



recorta o espaço, formando um interior e um exterior [...] Isso nos faz pensar que este perfil é imutável, assim como o interior e o exterior que ele separa” (1997, p. 01). Essa ideia, está mais ligada à uma questão de identidade, a qual firma seus preceitos e modelos fortemente num pensamento, num corpo, num modo de viver, num modo de se expressar. Representação.

Podemos pensar na questão da subjetividade como algo que não se contém no sujeito, é ao mesmo tempo um dentro e um fora, tem uma continuidade, uma evolução, mudanças, movimentos. Faz-se corpo passageiro que carrega marcas atualizáveis. Marcas que estão em nós desde as nossas primeiras experiências, que por vezes são esquecidas, nebulosas, dormentes, mas que se encontram aí, coexistem de modo permeado em nós.

A pele é um tecido vivo e móvel, feito das forças/fluxos que compõem os meios variáveis que habitam a subjetividade: meio profissional, familiar, sexual, econômico, político, cultural, informático, turístico, etc. Como estes meios, além de variarem ao longo do tempo, fazem entre si diferentes combinações, outras forças entram constantemente em jogo, que vão misturar-se às já existentes, numa dinâmica incessante de atração e repulsa. Formam-se na pele constelações, as mais diversas que vão se acumulando até que um diagrama inusitado de relações de força se configure (Rolnik, 1997, p.02).

Relações de forças e intensidades que pedem passagem e atravessam o corpo criando potências. Pode ser um afeto, que nos toca, perturba, abala... São processos onde participam diversos componentes que se contagiam. Como uma maçã, que foi arremessada por um galho em sua maturidade, e ao cair no chão, intensidades a atravessam, a arrebatam. Múltiplos componentes, forças e corpos a atravessam em um estado sinérgico... mudando seu corpo, tornando-a outra, quem sabe, semente...

(- Sua pesquisa lhe permite ser navegante?)



Ideias que aparecem como plantas daninhas, a qualquer horário, sem se importar se estamos prestes a dormir, elas apenas surgem movimentando e modificando qualquer paisagem. Provocando rachaduras, vazamentos, irregularidades que explicitam as fragilidades das estruturas estabilizadas, muitas das quais nós mesmos construímos. De onde vem essas sementes-pensamento? Estiveram sempre aí? Por vezes aparecem coladas em um tênis, podem ter sido defecadas por pássaros de longe, podem ser fruto inesperado de uma leitura, ou encontro com um filme e/ou imagem.

(-Como podemos viver a alegria em educação?)

Como mencionado anteriormente, a escrita é permeada de vozes outras, vozes que provêm de um ninho/grupo/aula com muitos/as.

Um ninho pode conter diversos tipos de sementes-(devir-alegre), galhos-(devir-artista), raízes-(devir-criador), vidas microscópicas que alteram, mesmo que minimamente a estrutura mais estável, pois estão em contínua troca, e são construídos nas estruturas mais variadas. Possibilitemo-nos a subtrair “as constantes, os elementos estáveis ou estabilizados porque elas pertencem ao uso maior” (Deleuze, 2010, p.44). Dar passagem ao pensamento que nos tira do ninho, é fazê-lo ninho.

[...] a dificuldade de pensar é algo de direito do pensamento, já que pensar não tem nada de inato, nem de reconhecimento, nem se trata de responder perguntas para as quais já existem respostas, nem de pensar a partir de postulados previamente definidos; mas, pensar é criar e, portanto, trata-se de engendrar o pensar no próprio pensamento: condição de possibilidade para uma criação que merece este nome dado por um *pensamento sem imagem* (Corazza, 2007, p. 06).



Pensamento como acontecimento, incorporal que é resultado de misturas de corpos, corpo-imagem, corpo-escrita, corpo-pensamento. Localizados em um não-lugar repleto de vitalidade onde as experiências vividas, após seu “término” provisório, continuam em nós como marcas, de modo que “[...] uma vez posta em circuito, uma marca continua viva, quer dizer, ela continua a existir como exigência de criação que pode eventualmente ser reativada a qualquer momento” (Rolnik, 1993, p.03). Um acúmulo de marcas que coexistem em nós. Que podem ser atualizadas das mais variadas formas. Potencializando-nos ou constringendo-nos em nossa potência de vida.

Ao estarmos à espreita (Deleuze, 1988, 1989) do que nos acontece e do que se atualiza em nós, podemos encontrar forças em meio a exercícios de criação, tanto na produção de imagens, na produção de uma escrita, numa conversa, numa aula, na vida. Atualizando assim, forças e formas que coexistem em nós e em nosso entorno, atribuindo-lhes outros sentidos, outros cheiros, outras fronteiras móveis e provisórias. Outros esboços de vida.

Há um laço profundo entre os signos, o acontecimento, a vida, o vitalismo. É a potência de uma vida não orgânica, aquela que pode haver numa linha de desenho, de escrita ou de música. São os organismos que morrem, não a vida. Não existe obra que não indique uma saída para a vida, que não trace um caminho por entre as vias. Tudo o que escrevi era vitalista, pelo menos eu espero, e constituía uma teoria dos signos e do acontecimento (Deleuze, 1992, p. 196).

Escrever para transbordar, fazer esgotar as palavras, fazer sobrar para recolher as “sobras” e movimentar. Pintar um outro céu e estar à espreita de acontecimentos, criar escrita, compor com as linhas e intensidades da vida que nos atravessam, as miudezas, o que passa despercebido, o que jogamos “fora”, o que lhe tiramos o valor, valor do juízo, comercial, moral. Apenas deixamos existir.



Sejamos catadores de fragmentos, catadores de distrações e sementes. Nas paisagens que estão ao nosso alcance façamos recolhas, façamos plantio. Vivenciemos o tempo sem a presença de *Cronos*, com possíveis para não sufocar...

Catar pode dizer de um movimento de docência não apartada da pesquisa, uma docência que cata para alimentar seu corpo- pensamento e para manter seu movimento na produção de outras dobras de si e de outras dobras no mundo. Catar pode dizer respeito também a uma busca, a uma procura insistente, uma busca que pode remeter a encontrar algo que se espera [...] mas catar, pode dizer também de encontros inesperados que dispararam outros [im]possíveis em meio às nossas recolhas (Garlet, et al. 2020).

Assim como nos movimentos inesperados da vida, o pesquisar, o escrever, espreitensaiar, nos coloca em modo atento, receptivos ao que pode acontecer em nosso entorno...

Assim encontrei-me neste ensaio onde ao colocar-me à espreita, pude vivenciar/capturar, algumas das linhas incessantes que atravessam meu pensamento. Contaminado de leituras, sons, escutas, saudades, e todo tipo de imagens que coexistem em um tempo singular e heterogêneo. Que me invadiu e habitou sem pedir licença, provocando-me os mais variados sentidos e vontades, desejos de escrita, anseios de vida.

Bibliografia

DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Realização de Pierre-André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV.

Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [com modificações]. A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, foi filmada nos anos 1988-1989.



DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol.4. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

LARROSA, Jorge. **O ensaio e a escrita acadêmica**. In: CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice (Orgs). Uma escrita acadêmica outra – ensaios, experiências e invenções. 1a ed. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2016.

MACHADO, Leila D.; ALMEIDA, Laura P. **Notas sobre escrever [n]uma vida**. In: CALLAI, Cristiana; RIBETTO, Anelice (Org). Uma escrita acadêmica outra—ensaios, experiências e invenções. 1aed. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2016.

NEUSCHARANK, Angélica. **Coextensividade**: sobre as noções de tempo na educação. 2019. 141 p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

ROLNIK, Sueli. **Pensamento, corpo e devir: uma perceptiva ético/estético/política no trabalho acadêmico**. Palestra proferida no concurso para o cargo de Professor Titular da PUC/SP, realizado em 23/06/93, publicada no Cadernos de Subjetividade, v.1 n.2: 241-251. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade, Programa de Estudos Pós Graduados de Psicologia Clínica, PUC/SP. São Paulo, set./fev. 1993.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade**. Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2010.

Recebido em: 20/03/2021

Aceito em: 15/04/2021



- [1] Mestre em educação, pela linha de pesquisa Educação e Artes (LP4). Licenciada em artes visuais. Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: marcelachemy@gmail.com
- [2] Proposta ofertada pelas professoras Francieli Regina Garlet e Marilda Oliveira de Oliveira, na disciplina de Mestrado, Seminário Temático da LP4: Experiência estética ‘entre’ leituras, escritas e imagens – por uma formação ‘menor’ em educação. Ano 2020.
- [3] Pensar não significa exercitar movimentos mecânicos de reconhecimento de modo corriqueiro ou com algo já estabelecido. Pensar tem relação direta com a criação. Ao pensar mergulhamos em possibilidades de inventar outras perspectivas de vida no mundo em que vivemos, pois “o melhor dos mundos é não aquele que reproduz o eterno, mas aquele em que se produz o novo, aquele que tem uma capacidade de novidade” (Deleuze, 2007, p. 136).
- [4] Toda potência é ativa e se encontra em ato, estando intimamente em relação com o poder de ser afetado pelo outro (pessoas, ideias, situações e coisas). Essa capacidade de ser afetado está invariavelmente ocupada por afecções que o efetuam (Spinoza, 2010).
- [5] Referência ao filme/documentário Nós que aqui estamos por vos esperamos. Ano 2007. Autoria Marcelo Massagão.